

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE

CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

RAFAEL JOSÉ DA SILVA JÚNIOR

**EXPORTAÇÕES DO SETOR TÊXTIL E DE CONFECÇÕES POR ESTADOS
SELECIONADOS DO BRASIL NO PERÍODO DE 2004 A 2017**

CARUARU-PE

2018

RAFAEL JOSÉ DA SILVA JÚNIOR

**EXPORTAÇÕES DO SETOR TÊXTIL E DE CONFECÇÕES POR ESTADOS
SELECIONADOS DO BRASIL NO PERÍODO DE 2004 A 2017**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a esta
Universidade, como parte dos requisitos necessários à obtenção
do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientadora: Profa. Dra. Monaliza de Oliveira Ferreira

CARUARU-PE

2018

Catálogo na fonte:

Bibliotecária – Simone Xavier CRB/4 – 1242

S586e Silva júnior, Rafael José da.
Exportações do setor têxtil e de confecções por estados selecionados do Brasil no período de 2004 a 2017. / Rafael José da Silva Júnior. – 2018.
56f. ; 30 cm.

Orientadora: Monaliza de Oliveira Ferreira.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, Economia, 2018.
Inclui Referências.

1. Exportação. 2. Crescimento econômico - Brasil. 3. Setor têxtil. I. Ferreira, Monaliza de Oliveira (Orientadora). II. Título.

330 CDD (23. ed.) UFPE (CAA 2018-028)

**EXPORTAÇÕES DO SETOR TÊXTIL E DE CONFECÇÕES POR ESTADOS
SELECIONADOS DO BRASIL NO PERÍODO DE 2004 A 2017**

RAFAEL JOSÉ DA SILVA JÚNIOR

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

DRA. MONALIZA DE OLIVEIRA FERREIRA
(Orientador)

DRA SONIA REBOUÇAS DA SILVA MELO
(2ª Examinador)

DR MÁRCIO MICELI MACIEL DE SOUSA
(3ª Examinador)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo sopro de vida e a oportunidade de viver cada momento que me construiu até hoje. À minha família, principalmente meus pais Edna Maria, Rafael José e Eliane Maria pela confiança e dedicação em me incentivar nos estudos. Aos amigos que a UFPE me proporcionou com bons e maus momentos vividos. Aos professores pelas rasteiras, tristezas e alegrias.

Um agradecimento especial a uma amiga/irmã Débora Cristina, que muito me ajudou, com conselhos e sua experiência, sempre me orientando para o melhor caminho, conhecê-la realmente foi um encontro de almas.

Menção honrosa a minha orientadora Monaliza Ferreira, tanto por sua orientação, quanto pela oportunidade de adquirir experiências tanto em monitorias como em projetos. Agradeço de coração a dedicação e o apoio. Agradeço também às valiosas sugestões dos Professores Sonia Rebouças e Márcio Miceli, membros da banca examinadora desta Monografia.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente me ajudaram a construir a escada que trilhei. Meu muito obrigado!

*É melhor escrever errado a coisa certa, do que
escrever certa a coisa errada. (Patativa do Assaré)*

RESUMO

As aberturas comerciais com a elevação das exportações mundiais proporcionaram uma maior integração entre os países. O comércio internacional tornou-se uma das principais atividades econômicas dentro de um país. No Brasil, os estados começaram a identificar uma boa oportunidade de negócios no comércio internacional principalmente no segmento têxtil e de confecções. Com isso, o objetivo do estudo consistiu em analisar, em um intervalo temporal que vai de 2000 a 2017, as exportações deste setor em sete estados brasileiros, através de indicadores de competitividade e um exercício econométrico com dado em painel balanceado, o qual deve figurar a situação das exportações nos estados selecionados. O banco de dados foi elaborado a partir de dados disponíveis em fontes de alta confiabilidade como o MDIC (ALICEWEB) e o IBGE. Os resultados demonstraram que parte dos estados selecionados apresentaram moderada participação no comércio internacional do setor de têxtil e confecção. No agregado do têxtil e confecções, Ceará, Bahia e Paraná demonstram participação crescente no mercado internacional; Pernambuco apresenta a mais baixa participação com produção expressiva no interior do Estado, enquanto São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina concentram a maior parcela da produção e comercialização do têxtil e confecções. No geral, esses estados apresentam tímida participação nas relações internacionais do setor em questão, mesmo apresentando uma expressiva produção de têxtil e confecções.

Palavras-chave: exportação, crescimento, têxtil e confecções, Estados brasileiros.

ABSTRACT

Trade openings with the rise of world exports have led to greater integration between countries. International trade has become one of the main economic activities within a country. In Brazil, the states began to identify a good business opportunity in international trade, especially in the textile and garment segment. Thus, the objective of the study was to analyze, in a time span from 2000 to 2017, the exports of this sector in seven Brazilian states, through competitiveness indicators and an econometric exercise with a balanced panel data, which should appear the situation of exports in the selected states. The database was drawn from data available from highly reliable sources such as MDIC (ALICEWEB) and IBGE. The results showed that some of the selected states presented moderate participation in international trade in the textile and clothing sector. In the aggregate of textiles and clothing, Ceará, Bahia and Paraná show increasing participation in the international market; Pernambuco has the lowest participation with expressive production in the interior of the State, while São Paulo, Rio de Janeiro and Santa Catarina concentrate the largest share of the production and commercialization of textiles and clothing. In general, these states present timid participation in the international relations of the sector in question, even presenting a significant production of textiles and clothing.

Key words: export, growth, textile and confecções, Brazilian states.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1	Exportações Têxtil e de Confecções da Bahia de 2007 a 2017.....	18
Tabela 2	Exportações Têxtil e de Confecções do Ceará de 2007 a 2017.....	20
Tabela 3	Exportações Têxtil e de Confecções do Paraná de 2007 a 2017.....	22
Tabela 4	Exportações Têxtil e de Confecções de Pernambuco de 2007 a 2017.....	23
Tabela 5	Exportações Têxtil e de Confecções do Rio de Janeiro de 2007 a 2017..	25
Tabela 6	Exportações Têxtil e de Confecções de Santa Catarina de 2007 a 2017.	27
Tabela 7	Exportações de Têxtil e de Confecções de São Paulo de 2007 a 2017.....	28
Tabela 8	Variação das Exportações Têxtil e Confecção por Estado 2016-2017....	29
Quadro 1	Quadro Resumo dos Indicadores Utilizados	31
Tabela 10	Participação das Exportações Estaduais nas Exportações Totais do Brasil (PEB) 2010 a 2017.....	35
Tabela 11	Índice de Concentração das Exportações por Setor 2010 a 2017(ICS)	37
Tabela 12	Índice de Vantagem Comparativa Revelada 2004 a 2014 (VCR)	38
Tabela 13	Índice de Contribuição ao Saldo do Segmento Têxtil e de Confecções 2004 a 2014 (CS).....	39
Tabela 14	Estatística Descritiva das Variáveis Analisadas: 2000 – 2014.....	40
Tabela 15	Matriz de Correlação dos Dados.....	41
Tabela 16	Resultado do Fator de Inflação da Variância (VIF)	42
Tabela 17	Resultado das Estimções dos Modelos de Dados em Painel.....	43
Tabela 18	Resultado dos Testes de Hipóteses nos Modelos de Dados em Painel ...	45
Tabela A	Resultado do Teste de Wooldridge Para Autocorrelação em Painel.....	56
Tabela B	Resultado do Teste de Hausman Para a Escolha Entre o Modelo de Efeitos Fixos e Efeitos Aleatórios	56

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	13
3. CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO	16
3.1 Bahia	17
3.2 Ceará.....	19
3.3 Paraná.....	21
3.4 Pernambuco	23
3.5 Rio de Janeiro	24
3.6 Santa Catarina	26
3.7 São Paulo	27
4. METODOLOGIA	30
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	34
5.1 - Participação das Exportações Estaduais nas Exportações Totais do Brasil (PEB)	34
5.2 - Índice de Concentração das Exportações por Setor (ICS).....	36
5.3 – Índice de Vantagem Comparativa Revelada	38
5.3 – Índice de Contribuição ao Saldo (CS)	39
5.4 Análise econométrica com dados em painel.....	40
5.4.1 Estatísticas descritivas	40
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICE A – RESULTADOS DOS TESTES ECONÔMICOS	56

1. INTRODUÇÃO

Com a abertura das fronteiras econômicas e a busca dos países por mercados para além de suas fronteiras territoriais, as exportações e importações de produtos ganharam destaque no mundo. Surge então, a união dos mercados de diferentes países, blocos econômicos e a integração regional com o objetivo de ampliar a participação dos países na economia global. A chamada Globalização aparece como uma relação dos processos de comércio na formação de um mercado mundial integrado, por meio da diminuição das barreiras comerciais e expansão dos mercados internacionais.

Os processos de relações econômicas e produtivas dos países formaram um conjunto de medidas que promoveram a aproximação e união dessas economias, aumentando a riqueza, gerando empregos e acréscimos no Produto Interno Bruto (*PIB*). Além de ser contabilizado o consumo interno, investimento e gastos governamentais para medir a riqueza de um país, a balança comercial (exportações menos importações) passou a compor o cálculo de crescimento dos países, como aponta Silva (2004).

Sendo assim, a balança comercial se tornou mais um componente da demanda agregada dos países, onde é possível observar o comportamento do comércio internacional de cada economia local com o resto do mundo, como afirma Froyen (2012).

Segundo dados divulgados em 2017 pela Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (*ABIT*), o Brasil é o quinto maior exportador de têxtil e confecções do mundo, em parte devido às dimensões de seu parque industrial, criatividade e profissionalismo, características que o País possui como uma vantagem comparativa em relação aos demais países concorrentes. Com diversos países como destino das exportações têxteis e de confecções, as exportações chegaram ao total de 324.580 US\$ milhões no final de 2017, revelando um desempenho melhor que o ano de 2016, mostrando uma variação de 7.4%, o que mostra que a relações de comércio com esses países vêm ganhando força no Brasil (BRASIL/MDIC/SECEX/ALICEWEB, 2018).

O Brasil produz 9,8 bilhões de peças confeccionadas ao ano, sendo referência em *beachwear*, *jeanswear* e *homewear*. O crescimento da produção e das exportações, juntamente com o reconhecimento da posição que ocupa mundialmente, têm sido estudos de muitos pesquisadores, que veem nas exportações uma forma de melhorar a situação econômica com diversificação dos produtos dentro do território nacional, beneficiando consumidores e produtores, residentes e estrangeiros, contribuindo positivamente para o Produto Interno Bruto (*PIB*), como coloca a ABIT (2016).

O setor têxtil e de confecções é de extrema importância para a indústria brasileiras, nos estados, esse setor gera empregos diretos nas diversas escalas de produção e é determinante na geração de rendas, o que movimenta a economia local contribuindo para o desenvolvimento da região.

No cenário internacional em que o Brasil se insere, este trabalho buscou compreender as contribuições que os principais estados produtores do setor têxtil e de confecções agregam nas exportações totais nos anos de 2000 a 2014, e a responder o seguinte questionamento: Quais são as contribuições do setor têxtil e confecções, a saber, dos estados selecionados (Bahia; Ceará; Paraná; Pernambuco; Rio de Janeiro; Santa Catarina e São Paulo) nas exportações totais brasileiras? Tem por objetivo geral examinar a relação entre exportação, vantagem comparativa e contribuição ao saldo comercial dos estados selecionados e como objetivo específico: calcular índices de competitividade do setor têxtil e de confecções para os estados selecionados e verificar a contribuição das variáveis VCR e CS às exportações do setor para os estados selecionados. Através de cálculos de índices de competitividade e uma análise econométrica com dados em painel buscou-se respostas para o referido questionamento.

Esse estudo justifica-se pelo fato de muitos estados serem o alvo de inúmeras políticas de desenvolvimento regional por parte do Governo Federal, inclusive para tentar minimizar as desigualdades regionais existentes, o resultado desse estudo pode apontar para onde se deveria alocar recursos para o aprimoramento da produção e comercialização de produtos do setor têxtil e de confecções, uma vez que, quanto maior for o número de informações disponíveis que possibilitem estratégias e políticas mais eficazes, mais eficiente será a maximização do ganho e possível distribuição do mesmo com a sociedade.

A especificação da área geográfica em análise com o resto do mundo durante os últimos anos (2000 – 2014) servirá para apresentar a configuração das exportações nos estados selecionados e seu desempenho ao longo do tempo. Um exemplo é que no ano de 2005, segundo os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços – MDIC (BRASIL/MDIC/SECEX/ALICEWEB, 2018), as exportações do Nordeste representavam US\$10.561 milhões e no final de 2015 esse valor se concentra em torno de US\$14.655 milhões, o que significa uma variação de 27,9%, mas não se pode afirmar que todos os estados dessa região cresceram em termos de exportação, a análise mostrará quais os estados que obtiveram papéis importantes ao longo do tempo.

Sendo assim, o estudo é importante, tanto como pesquisa acadêmica como para fornecer informações que possam ser utilizadas por entidades de apoio ao setor têxtil e de confecções, haja vista a necessidade premente de se investir em produtos com maior valor agregado, de forma a melhor diversificar e qualificar a pauta de exportações brasileiras, predominantemente constituída de produtos agrícolas de menor valor agregado.

Este trabalho divide-se em quatro etapa: a primeira se refere ao referencial teórico onde é apresentado as principais contribuições de outros autores nos últimos anos; a segunda etapa mostra a caracterização dos estados selecionados e suas balanças comerciais do setor têxtil e confecções nos anos de 2007 a 2017; a terceira etapa se refere a metodologia utilizada para alcance do objetivo geral e específico e a última parte apresenta os resultados e discussões do referido trabalho juntamente com as conclusões obtidas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Sobre a importância do desenvolvimento local e sua participação no desenvolvimento regional e nacional, Madureira (2015) concluiu que as exportações desempenham um papel importante na definição de renda e no desenvolvimento regional local, assim como atrai o bem-estar social e o aumento da riqueza absoluta *per capita*. Sua pesquisa foi principalmente baseada nas teorias de Douglas North, que escreveu um artigo intitulado “Teoria da Localização e Crescimento Econômico Regional” no ano de 1937.

Também com base na teoria de North, Lins (2008) estudou o Nordeste brasileiro, observando o que impulsiona seu crescimento. Analisando as exportações totais, que para esse autor se configura como vendas inter-regionais¹ e internacionais, ele concluiu que as mesmas seriam as responsáveis pelo bom desempenho que essa região vinha apresentando devido às diversificações na estrutura produtiva e a crescente integração dessa região com setores internos e externos.

Um dos determinantes para o crescimento de uma economia é o aumento das exportações. Diante disso, a relação entre estrutura produtiva, logística, mão de obra qualificada e vantagens em áreas geográficas, são requisitos que se encontram em um determinado país, pode-se dizer que o mesmo auferir de uma vantagem comparativa e uma competitividade maior em relação aos demais países (PUGA, 2009).

No Sul do país, pode-se citar o estudo de Campos (2004), o autor destacou a falta de parceria das empresas com as Universidades devido à fragilidade de governos municipais e regionais, o que limitaria as ações de parcerias entre empresas e entidades governamentais no fortalecimento do comércio. Para o pesquisador, a falta de representatividade política também seria um dos principais problemas encontrados. Como solução, sugeriu uma interação mais ativa dos agentes envolvidos, considerando que arranjos produtivos locais de têxtil e confecções seriam mais propícios a efetividade de políticas setoriais com parcerias de Governos, Universidades e entidades de apoio.

Viana (2006) fez uma análise de como se configurava a evolução das exportações no Nordeste. Ele concluiu que a presença forte do Estado foi decisiva no desempenho do

¹Este trabalho apresenta o conceito tradicional de exportação, mas para o conceito de exportações Inter-regionais ver o trabalho de Lins (2008).

comércio internacional nos estados. Dessa forma, ainda seriam necessárias políticas que criem possibilidades de crescimento para a Região para alavancar a continuidade do crescimento, uma vez que o Estado seria um dos principais agentes na determinação de políticas que melhorem o setor exportador. Para Andrade (2015), a Região Nordeste e seus estados tiveram crescimento significativo, mas esse crescimento foi abaixo dos indicadores nacionais. E isto comprometeria a capacidade dos estados de atrair investimentos repercutindo na estrutura integrada da economia. Viana (2006), completa que a educação em nível intermediário estava em necessidade no mercado e que as políticas por parte dos governos que promovessem a formação de capital humano especializado seriam uma das alternativas para alavancar o crescimento.

Em 2006, no estudo do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IAPARDES), concluiu-se que a capacitação da mão de obra promovida por entidades de apoio, como o projeto Escola-Fábrica que é uma parceria entre empresário, entidades de apoio e Governo, surgiu como forma de qualificação formal do trabalhador. No entanto, ficou visível outro problema, o de qualificação gerencial, que causou sérias dificuldades na gestão dos negócios, especialmente no que tange à ausência de uma política de planejamento de recursos humanos. Com isso, não se pôde obter um efetivo investimento em qualificação da mão de obra impedindo parcerias mais efetivas com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI).

Observando a estrutura interna e externa de estados selecionados, esta variável (estrutura geográfica) seria um fator de sucesso no comércio internacional. Como partes disso, alguns estados das grandes regiões do Brasil vêm modificando suas estruturas, formando um ambiente propício ao investimento para a cultura exportadora. Para tal, foram realizados ajustes fiscais, saneamento básico, saúde e infraestrutura. Também se nota a criação de polos de desenvolvimento em regiões dos interiores dos estados que ganhou a credibilidade de investidores nacionais e internacionais, melhoramento dos produtos enviados ao mercado externo e, além do mais, gerando o desenvolvimento local, empregos e rendas (RODRIGUES, 2010).

Um estudo realizado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI, 2012), afirma que no mercado interno a cadeia de confecções do Brasil se configura como uma cadeia produtiva comandada por compradores internos que eram os responsáveis pela

exigência de melhores produtos da parte das empresas. Além disso, a pressão competitiva pela abertura do mercado globalizado na década de 1990 levou as empresas a buscarem alternativas de reduzir os custos de produção, o que tornou viável o surgimento de polos de confecções em diversos estados do Brasil que ofereciam incentivos fiscais propícios ao crescimento.

É possível observar essa mudança de realocação e surgimento da atividade de confecção quando se compara os dados do SENAI (2012) com os de Carvalho (1998) que revelavam que o Estado de São Paulo representava 78,3% das empresas de têxtil da Região Sudeste e 57,4% das empresas de confecções do Brasil. Após seis anos essa participação havia caído para 73,6% na Região Sudeste (têxtil) e no Brasil para 50,9% (Confecção) confirmando o que dissera o estudo do SENAI em 2012 sobre a movimentação da atividade no País.

Voltando um pouco no tempo, constata-se que foi a partir de 1866 que as fábricas de têxtil e de confecções passaram a se concentrar no Sudeste e Sul do País, com destaque para Santa Catarina; e apenas entre o período de 1930 a 1984 que fábricas desse setor surgiram no Nordeste brasileiro, destacando-se primeiramente na Bahia, em razão da oferta abundante de mão de obra e matéria prima. Com a construção de ferrovias ligando o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, a atividade de confecção se deslocava com facilidade para os estados vizinhos em 1981/84 e em 1988 o Brasil já contava com as atividades de têxtil e confecções espalhadas em dezessete estados. Em 1990, com a abertura comercial, o setor passava por crises com os atrasos tecnológicos presente em sua estrutura, devido ao protecionismo de outrora, isso gerou a falência de diversas micro e pequenas empresas (FUJITA, 2015).

Talvez esse atraso tecnológico inicial e que perdura até os dias atuais em algumas regiões e polos de produção, possa justificar, pelo menos em parte, a baixa participação do setor nas exportações brasileiras, uma vez que a concorrência no mercado internacional prescinde de competitividade e consequentemente melhor qualificação do produto negociado.

De acordo com Costa (2012), questões burocráticas presentes nos processos de exportação explicariam o baixo desempenho das exportações das micro e pequenas empresas (MPE) no Rio Grande do Norte. A perda de competitividade, em virtude de entraves burocráticos existentes tanto em âmbito gerencial e financeiro, como também e

principalmente no estrutural, conferiria influências negativas significativas no desempenho exportador dessas empresas.

Uma das medidas governamentais definida pela ABIT (2015) estava relacionada à educação e qualificação da mão de obra que é absorvida pelas empresas. Como o setor de têxtil e confecções representa a força produtiva de 33 mil empresas instaladas por todo o território nacional e emprega mais de 1,6 milhão de trabalhadores, fortalecer a disponibilidade de mão de obra qualificada e facilitar a contratação de trabalhadores estrangeiros se faz necessário nesse cenário comercial.

Puga e Filho (2009) afirmaram que as carências de investimentos poderiam levar o setor exportador à perda de competitividade no mercado internacional. Segundo eles, as políticas para promover a exportação deveriam abranger: *a busca de uma taxa de câmbio mais estável, dentro de um regime de taxa flexível; apoio ao desenvolvimento tecnológico; melhoria da infraestrutura e avanços na reforma tributária; reforço da diplomacia brasileira em negociações de comércio; e o desenvolvimento do mercado de capitais e de modalidades de financiamento.*

A literatura apresentada demonstra que os maiores problemas encontrados nessas áreas geográficas do Brasil referem-se a uma cultura exportadora pouco dinâmica, mas todos concordam que as exportações representam um ganho para a região e apontam como solução uma efetiva participação dos governos para promover essa atividade como forma de desenvolver não apenas os estados que se destacam na produção e exportações do têxtil e confecções, mas também as regiões que estão se estruturando nessa atividade deveriam ter investimentos de forma a melhor e adequar-se ao comércio exterior. Do contrário, continuaremos com desenvolvimento e políticas voltados aos grandes centros. Ou seja, vamos manter o status quo de enviar recursos e políticas de desenvolvimento apenas para quem já está bem preparado.

3. CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

A cadeia produtiva têxtil é uma das mais diversificadas que existe no Brasil, subdividindo-se em fibras e filamentos, têxteis e confecções. Neste estudo selecionaram-se os

estados brasileiros que se destacam nas exportações do têxtil e confecções, principalmente a confecção que transformam tecidos e malhas em peças acabadas para o usuário final sendo compostos, segundo a classificação da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT), por vestuário, artigos para o lar, moda, dentre outros.

O Brasil é uma das principais referências mundial em *design* de moda praia, *jeanswear*, *homewear*, *fitness* e de *lingerie*. O setor têxtil e de confecções apresenta autossuficiência na produção de algodão, produzindo 9,4 bilhões de peças por ano, sendo que 5,3 bilhões são peças de vestuário, o que representa 5,7% do faturamento da indústria de transformação, correspondendo ao segundo maior empregador da indústria de transformação. Também se destaca como o quarto maior produtor de malha, quinto maior produtor têxtil e quarto maior parque produtivo de confecções do mundo (ABIT, 2017).

Neste cenário, será apresentada a caracterização dos estados que foram selecionados no presente estudo, no qual se destacam as atividades deste setor. Esses estados foram selecionados pela alta produção e a comercialização do têxtil e confecção tanto no âmbito do comércio interno quanto no comércio internacional.

3.1 Bahia

O Estado da Bahia, localizado no Nordeste brasileiro, apresenta uma estrutura de portos internacionais, o que facilita o comércio internacional. Além disso, tem perfil econômico voltado a diversos setores, dentre eles o de têxtil e confecções, que movimentou o valor de 393 milhões de dólares FOB em exportações no ano de 2017 (BRASIL/MDIC/SECEX/ALICEWEB, 2018).

Com suas primeiras fábricas inauguradas ainda no século XIX, as empresas do ramo de têxtil e confecção foram ao longo do tempo modificando-se e ajustando-se as mudanças do mercado local e mundial, chegando a ser responsável por 22 mil postos de trabalhos no estado com mais de 3 mil empresas de pequeno e médio porte, de acordo as informações do SEBRAE (2016).

A distribuição geográfica desse setor se configura em polos têxteis e de confecção localizado em Salvador, Feira de Santana, Jequié, Lauro de Freitas, Itabuna e Barreiras. O

comércio internacional para o setor de têxtil e confecções baiano oscilou no período analisado, sobressaindo-se em 2012, mas com resultados inferiores nos anos seguintes SEBRAE (2017).

Segundo Moura (2014), a Bahia teve um melhor desempenho em suas exportações totais entre 2001 a 2005, com redução a partir de 2006, explicado pelo elevado preço das *commodities agrícolas* nesse período. Suas exportações totais obtiveram quedas nos anos de 2007 em diante, apesar da redução nas exportações totais, nas exportações de têxtil e confecção houve uma variação positiva até o ano de 2012, voltando a reduzir-se em 2017.

A contínua redução de preços dos seus principais produtos de exportação, a valorização do dólar em 14,2% até novembro de 2015, que minou a competitividade das vendas de produtos industrializados, e a redução dos embarques de produtos agrícolas, cuja produção foi fortemente afetada pela seca, com queda de 35%, foram os principais fatores que derrubaram as vendas ao exterior de acordo com a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI 2016).

A Bahia fechou em 2017 com 393,9 milhões, ou seja, as exportações caíram mais da metade quando comparado a 2012 que dentre os anos analisados apresentou o maior valor. Nota-se também que as importações se reduziram e apresentaram valores menores a partir de 2015 (Tabela 1). Segundo dados divulgados pelo Banco do Nordeste (BNB) (2017), A diminuição das exportações brasileiras e aumento das importações, o que se observa no estado da Bahia, se deve a perda de competitividade ante o fabricante externo causado, em parte, pela apreciação da moeda brasileira e problemas estruturais que impede os produtores no país de competirem nos mercados internacionais.

Tabela 1 - Exportações Têxtil e de Confecções da Bahia de 2007 a 2017

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Ex	269,2	293,5	305,8	386,4	773,7	822,3	405,5	555,6	491,5	347,8	393,9
Im	46,4	51,9	39,5	67,4	138,2	122	109	108	89,3	70,1	78,3
Saldo	222,8	241,6	266,3	319	635,5	700,3	296,5	447,6	402,1	277,6	315,5

Obs1: (*) Valores em US\$ FOB.

Obs2: Ex: Exportações; Im: Importações.

Fonte: Elaboração própria, dados do BRASIL/MDIC/SECEX/ALICEWEB (2018).

Entre o período de 2008 a 2012, o crescimento do setor de têxtil e de confecções foi de 87,7% em toneladas. Esse crescimento foi decorrente da produção de fibras de algodão onde o Estado da Bahia é o segundo maior produtor do Brasil, perdendo a primeira posição apenas para Rondonópolis no Mato Grosso do Sul. Os setores que mais contribuíram foram: a linha lar, com participação de 36,5%; o vestuário com participação de 34,1%; e os outros produtos confeccionados com 29,4% de volume em toneladas entre o período mencionado (CIN-BAHIA, 2016).

Vale ressaltar, que em todos os Estados analisados o principal canal de vendas no mercado interno é o varejo local e regional, atendendo a população ao seu redor e a dos estados vizinhos. Sua carteira de cliente basicamente é formada por pessoas físicas e jurídicas, empresas revendedoras e o Governo. Mas o grande carro-chefe são as pessoas físicas que comparecem as feiras para compras avulsas e em atacado para a revenda do produto final. Essa carteira de cliente pode variar ao longo do tempo, conforme situação econômica, preços, acesso facilitado e qualidade do produto (SEBRAE, 2017).

3.2 Ceará

O Estado do Ceará é um dos principais polos de confecções do Brasil, ocupando a primeira posição entre os estados da Região Nordeste na comercialização do Têxtil e confecção. Tem destaque no cenário nacional, apresentando-se em terceiro colocado, logo atrás de São Paulo e Santa Catarina, como os principais fornecedores brasileiros desses produtos para o resto do mundo (BRASIL/MDIC/SECEX/ALICEWEB, 2017).

A produção concentra-se na capital, Fortaleza, que se destaca como o principal polo de confecção do Estado, mas isso não impede o espraiamento a outros municípios do Estado, como é o caso de Caucaia, Maracanaú, Pacatuba e Maranguape, que também são polos pertencentes à Região Metropolitana (SANTOS 2015).

Em uma pesquisa sobre os 120 anos da indústria têxtil e confecções do Ceará, realizada pela FIEC (2002), pode-se observar que a confecção começou desde 1882 no Estado. A pesquisa concluiu que um dos fatores que impulsionaram a indústria têxtil e de confecções foi a demanda por algodão no período pós-guerra de Secessão (1862-1866), e não

descarta a existência de outros fatores como a acumulação de capital a partir da venda do algodão e a criação de uma infraestrutura para a produção e a comercialização.

Souza (2005) ainda analisou as exportações no ano de 2005 no Ceará, observando que as exportações vinham crescendo nos anos de 2004/2005, considerando que nesse período o dólar teve uma queda significativa em relação ao real. Contudo, as crises que se seguiram, sobretudo as crises de energia ocorrida nesse período afetaram em grandes proporções as fábricas têxteis e de confecções que viram sua participação no mercado internacional cair drasticamente nos anos seguintes.

A partir das informações apresentadas na Tabela 2, pode-se observar que as exportações têm diminuído no Estado e sua balança comercial tem sido negativa em anos, mesmo considerando que é o único Estado nordestino que ainda mantém exportações contínuas em todos os produtos do setor considerado. (BRASIL/MDIC/SECEX/ALICEWEB, 2017).

Tabela 2 – Exportações Têxtil e de Confecções do Ceará de 2007 a 2017

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Ex	143,0	116,1	68,4	78,9	98,1	80,4	63,0	39,5	49,7	52,2	41,7
Im	142,9	136,6	145,5	175,6	281,7	180,7	186,9	248,2	174,9	138,7	143,7
Saldo	28	-20,5	-77,1	-96,7	-183	-100	-123	-208	-125	-86,4	-101

Obs1: (*) Valores em US\$ FOB.

Obs2: Ex – Exportações; Im: Importações.

Fonte: Elaboração própria, dados do BRASIL/MDIC/SECEX/ALICEWEB (2018).

Houve baixo desempenho no segmento de confecção, mas isso não afetou a posição que o Ceará ocupa no *ranking* dos estados que produzem têxtil e confecções, liderado principalmente por calçados e couro, porém continua apresentando saldos negativos na balança comercial, como indicado na Tabela 2. O que talvez se deva ao impacto de sucessivas crises internacionais, que levou a demandas recessivas, com redução das vendas para a Ásia de 36%, para a África com redução de 42% que são os principais compradores do Estado, como ressalta o IPECE (2015).

Mota (2015) chamou a atenção para a fabricação de confecção popular de preços baixos em Fortaleza, que atrairia milhares de compradores para o Município, tanto do interior como de outros estados e até compradores internacionais. Ele afirmou ainda que em 2013 as empresas do setor têxtil e de confecções do Estado representavam boa parte do parque nacional deste setor com bons índices de empregabilidade e retorno econômico, tendo a diversidade de escala como uma característica da Região que perpassaria por micro, médias e grandes empresas.

3.3 Paraná

No Paraná, Estado da Região Sul do País, a atividade econômica têxtil e de confecções se desenvolveu nas cidades de Londrina, Apucarana, Maringá e Cianorte e demais cidades que às complementam na Região Norte e Nordeste do Estado, mas a atividade principal se concentra nos Arranjos Produtivos Locais (APL)² de Apucarana, Maringá e Cianorte, que foram responsáveis por uma grande parcela de movimentação financeira decorrente desta atividade (CARREIRA, 2001).

Ainda segundo Carreira (2001), que apresenta essas cidades como Corredor da Moda do Noroeste do Paraná, pelo alto número de empresa existente nessa localidade. O polo têxtil e de confecções no Paraná foi criado oficialmente com a Lei n- 11.720 de 15 de maio de 1997 sancionada pelo Poder Executivo com o objetivo de desenvolver a indústria têxtil e de confecção da Região.

Conforme afirma Oliveira (2007), o seguimento de confecção apresenta um ritmo acelerado de expansão no eixo produtivo do Corredor da Moda do Paraná, ele concluiu que as aglomerações de confecções têm atraído grandes empresas e fornecedores para a Região, gerando emprego e renda. Para o Estado, o setor têxtil-confecções se tornou de extrema importância no contexto econômico e social, e, nos últimos anos, o vestuário tem apresentado acelerado crescimento em número de estabelecimentos e em número de postos de trabalho ofertados.

² Arranjos produtivos são aglomerações de empresas localizadas em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva e mantêm algum vínculo de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais tais como governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa.

A partir da referida lei, o setor de confecção do Paraná, principalmente na cidade de Cianorte, pôde expandir-se com apoio do poder público que oficializou e subsidiou a atividade do setor aumentando o número de estabelecimentos voltados para a produção e comercialização de peças de vestuário, proporcionando bons resultados na Região até 2009, que já se destacou como a capital brasileira do vestuário, segundo Alves (2009).

Como se pode observar na Tabela 3 o Estado apresentou, nos últimos anos, um crescimento significativo das exportações e com redução das importações. Tais variações foram pautadas pela busca de produtos competitivos no mercado internacional, pela diversificação, pelo empreendedorismo, e pelas condições sociais e institucionais de boa qualidade e pelo reconhecimento do capital humano (SEBRAE, 2010).

Tabela 3 –Exportações Têxtil e de Confeções do Paraná de 2007 a 2017

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Ex	125,8	156,9	119,5	150,6	162,2	160,5	158,4	138,2	114,3	94,9	114,7
Im	91,3	99,9	101,7	156,4	274,3	230,6	177,6	167,6	119	94	124,3
Saldo	34,5	57	17,8	-5,8	-112	-70,1	-19,2	-29,4	-4,6	935	-9,6

Obs1: (*) Valores em US\$ FOB em milhões. Para a balança comercial de 2016 valor em mil US\$ FOB.

Obs2: Ex: Exportações; Im: Importações.

Fonte: Elaboração própria, dados do BRASIL/MDIC/SECEX/ALICEWEB (2018).

Segundo Ahmad (2013), pelo fato da crescente participação da China no comércio internacional e os ganhos de mercados mundiais que esse país vem conquistando, depois de sua inserção na Organização Mundial do Comércio (OMC), inicialmente em 2001 e também a eliminação de cotas do setor têxtil e de confecções em 2005, isso gerou uma concorrência desfavorável para os países que têm pauta de exportação de manufatura, conseqüentemente isso atingiu a atividade de confecções tanto do Paraná quanto nos demais estados.

3.4 Pernambuco

Pernambuco possui a atividade de confecção localizada no Polo de Confecção do Agreste Pernambucano que é formado pelas cidades de Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. Destaca-se como importante polo produtor não só de vestuário, mas a atividade de confecção também se faz presente nas pequenas cidades no entorno desse polo que dinamiza a produção de peças de vestuário (GUEDES 2016).

Em Pernambuco ressalta-se as grandes e médias empresas de manufaturas que produzem bens finais e intermediários, porém, a falta de investimentos e incentivos fiscais, assim como a distância dos grandes centros comerciais, como o Rio de Janeiro e São Paulo, promoveram um recuo dessa atividade, como salienta Viana (2006), que apontou como fatores para essa perda de competitividade, a causa das estratégias de atração, via incentivos fiscais, implementadas principalmente pelos estados do Ceará e Bahia, o que resultou em uma balança comercial deficitária.

A falta de investimento pode ser vista quando comparando o Estado de Pernambuco com o Ceará, pois Pernambuco exportava a mesma quantidade que o Estado do Ceará em 1996, hoje, o estado do Ceará exporta em volume valores superiores a Pernambuco segundo Araújo (2006). A Bahia quase que duplicou suas exportações de 2007 a 2017 como revelaram as informações da Tabela 1, porém, Pernambuco declinou e perdeu competitividade ao longo dos anos, como se pode observar na Tabela 4, em que 2007 foi o melhor ano para as exportações neste Estado. As exportações foram ao longo do tempo declinando, chegando em 2017 no valor de 1,1 US\$ FOB. Além disso, as importações superaram as exportações em todos os anos, o que resultou na balança comercial de têxtil e confecções negativa.

Tabela 4 – Exportações Têxtil e de Confecções de Pernambuco de 2007 a 2017

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Ex	24,4	24,2	12,9	19,4	17,5	19,5	6,2	6,5	9,8	4,2	1,1
Im	25,5	33,7	38,3	63,1	100,4	108,7	118,0	161,5	86,0	62,2	78,1
Saldo	-1,1	-9,5	-25,	-43,	-82,9	-89,2	-111	-155	-76	-57	-76,

Obs1: (*) Valores em US\$ FOB.

Obs2: Ex – Exportações; Im: Importações.

Fonte: Elaboração própria, dados do BRASIL/MDIC/SECEX/ALICEWEB (2018).

Um estudo da Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco - FIEPE (2014) mostra que apesar de perder importância e ter participação tímida no mercado internacional, o setor de confecções cresceu no Estado, mais especificamente nos Municípios de Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru, Toritama, e mais 16 municípios que se dividem nas mais variadas formas de produção de têxtil e confecções. Ademais, estima-se que esse setor possui 18.803 empresas de vários portes espalhados nessas cidades gerando mais de 107 mil empregos. Tais dados revelam que o setor de têxtil e confecção no Estado de Pernambuco cresceram mais para o mercado interno e houve baixo crescimento para o mercado internacional, os demais estados, além do interno, sobressaíram no mercado internacional.

Uma das características marcantes do Arranjo Produtivo Local (APL) do agreste é o seu alto grau de informalidade. Segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE (2013), 80% das unidades produtivas eram informais, as facções apontam um grau maior respondendo por 93% de informalidade, o que mostra ser um ponto negativo para futuras relações de vendas internacionais.

Ainda sobre a informalidade no Polo de Confecção do Agreste, Milanês (2015) afirma que em Pernambuco a aglomeração industrial não surgiu como em determinadas regiões do país, em que fábricas se instalaram e recrutaram trabalhadores para a atividade com processos mais formalizados. Neste Estado, a atividade de confecção surgiu a partir de pequenas famílias que iniciaram um empreendimento na localidade onde viviam. Isto é, o APL surgiu sem ser impulsionado por grandes empresas, o que explica parte da alta informalidade ainda encontrada.

3.5 Rio de Janeiro

No Rio de Janeiro, tem-se destaque a cidade de Nova Friburgo dedicada à produção de linha de *lingerie* (moda íntima). Também apresenta os municípios de Cachoeiras de Macacu, Bom Jardim, Duas Barras, Cordeiro e Cantagalo na produção têxtil e confecções. Parcerias com o SEBRAE e a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) estimularam as empresas ao aprimoramento produtivo e cooperação com o objetivo principal

de levar o produto para além das fronteiras brasileiras, tornando o setor mais competitivo e contribuindo para o desenvolvimento de mais de 5.000 empresas do ramo (FIRJAN, 2015).

Ainda segundo as pesquisas da FIRJAN (2015), em 2014, a participação da cadeia da moda fluminense foi de 10% nas exportações brasileiras. Em termos absolutos, o Estado do Rio respondia por 4,2% de todos os empregos formais da cadeia, percentual superado apenas por São Paulo e Santa Catarina, isso porque esses Estados são os maiores exportadores do setor de têxtil e confecção.

O setor no Estado é composto por 26.767 empresas mapeadas, empregando mais de 195 mil trabalhadores, o setor de confecção se espalhou pelas cidades do Rio de Janeiro, com destaque para a capital, contribuindo fortemente para o desenvolvimento local. Em 2015, as exportações da cadeia da moda fluminense totalizaram US\$ 93,6³ milhões de dólares, o que representa 1,1% das exportações do que foi exportado pelo setor no Brasil em 2015 (FIRJAN, 2016).

Conforme a Tabela 5, vê-se que as importações tiveram aumento significativo no período analisado, o que gerou *déficits* no comércio exportador de têxtil e confecções, com saldos negativos sucessivos na balança. Como o Estado de Pernambuco, o Rio de Janeiro tem as suas importações maiores que as exportações em todos os anos pesquisados.

Tabela 5 - Exportações Têxtil e de Confecções do Rio de Janeiro de 2007 a 2017

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Ex	51,8	45,7	34,3	43,4	47,2	42,1	48,3	34,7	47,9	40,3	48,6
Im	139	214	183,0	319,0	315,4	232,5	262,0	228,4	174,4	130,0	135,8
Saldo	-87	-168	-148	-275	-268	-190	-213	-193	-126	-89,7	-87,2

Obs1: (*) Valores em US\$ FOB.

Obs2: Ex – Exportações; Im: Importações.

Fonte: Elaboração própria, dados do BRASIL/MDIC/SECEX/ALICEWEB (2018).

³Esse valor considera as exportações da Cadeia da Moda Fluminense dos setores Têxtil, Confecção, Calçados, Bolsas e Acessórios, Joias, Bijuterias & Afins.

3.6 Santa Catarina

Luclktenberg (2004) relata que a atividade têxtil e de confecções em Santa Catarina iniciou nas cidades de Blumenau, Brusque e, por último, em Jaguará do Sul em 1880. A atividade industrial de confecção se originou no Estado com os imigrantes alemães pela impossibilidade de importação de peças de vestuário, dado o elevado custo de compra. A atividade se estendeu pela necessidade que seus habitantes tinham de artigos têxteis. Com a produção voltada para o mercado interno não viam a necessidade de concorrer em produção e venda com os demais estados, que já produziam têxtil e confecções, mas o Estado passou a se destacar na produção de malhas e tecidos. O contato com as famílias dos imigrantes nesta Região possibilitou o acesso facilitado às técnicas de produção e aos maquinários importados, fator importante que levou a ascensão da atividade em Santa Catarina.

Os polos instalados no Estado apresentam todos os segmentos: têxtil, confecção, tecelagem e fiação. Com 4,9 mil empresas, o que representa 15,3% do total de empresas nacional no setor de confecções, com geração de 300 mil postos de trabalho em 2014. Santa Catarina apresentou ainda R\$ 22 bilhões do valor da produção do setor no Estado, com participação de 17,5% sobre o valor da produção nacional em 2014 e US\$169 milhões foi o montante exportado pelo setor, o equivalente a 18% do total exportado pelo Brasil excluindo fibras/filamentos, conforme indica o relatório setorial realizado pelo Sindicato das Industrias de Fiação Tecelagem e do Vestuário de Blumenau SINTEX (2015).

O somatório das exportações têxteis e de confecções apontou números em decréscimo e no mesmo período as importações registraram um crescimento acima das exportações, chegando a bilhões de dólares a partir de 2010 (Tabela 6). No ano de 2017, o segmento têxtil e de confecções apresentou maior contribuição para as exportações do Estado, com variação percentual equivalente a 12,2% se comparado a 2016, o que prova que o segmento têxtil tem ganhado força e crescimento no Estado.

Tabela 6 –Exportações Têxtil e de Confecções de Santa Catarina de 2007 a 2017

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Ex	313,6	262,7	175,6	190,2	176,4	172,7	174,0	169,8	156,9	174,1	198,5
Im	572,6	867,4	929,3	1,4	1,8	2,0	2,1	2,3	1,9	1,4	1,8
Saldo	-259	-605	-754	-1,2	-1,6	-1,8	-2,0	-2,2	-1,8	-1,2	-1,6

Obs: (*) Valores são em milhões US\$ FOB e as Importações/Saldo de 2010 a 2014 em bilhões US\$ FOB.

Obs2: Ex: Exportações; Im: Importações.

Fonte: Elaboração própria, dados do BRASIL/MDIC/SECEX/ALICEWEB (2018).

Apesar do aumento das exportações em 2017 verifica-se que as importações vêm crescendo de forma mais acentuada, o que vem impactando diretamente no saldo da balança comercial, resultado de uma grande instabilidade política que o país vem sofrendo nos últimos anos segundo a FIESC 2015.

3.7 São Paulo

São Paulo destaca-se como o principal produtor e empregador do setor têxtil e de confecção do Brasil, distribuídos numa cadeia produtiva de fibras e filamentos, fios e linhas de costuras, tecidos, malhas, vestuários e outro beneficiários do setor segundo dados da Inteligência de Mercado (IEMI, 2015).

A atividade de confecção em São Paulo cresce a altas taxas e isso se deve ao baixo custo, rapidez e volume de produção da costura. Atualmente as cidades que se destacam em confecção é os bairros do Brás, Bom Retiro e a Zona Norte do Estado (CALLIL, 2014).

É o principal estado produtor e empregador do setor têxtil e confecções do Brasil, as empresas que atuam nos polos representam 28% do total nacional, a produção têxtil e confecção chegou a 56.048 toneladas em 2017, com 33 mil indústrias. Destaca-se a cidade de Santo André que no período em análise foi a cidade do Estado que mais contribuiu nas exportações segundo dados do Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem do Estado de São Paulo - Sindtextil-SP (2016/2017).

Na análise da Tabela 7, São Paulo apresenta os maiores valores em déficit na balança comercial, chegando a valores em bilhões de 2011 a 2015. Suas exportações baixaram, em

2007 apresentava valor de 560 milhões, no entanto, dez anos depois, apresenta o valor de 316,7 milhos, ou seja, as exportações do Estado caíram quase que pela metade, enquanto as importações para o mesmo período sempre se mantiveram altas.

Tabela 7 –Exportações Têxtil e de Confecções de São Paulo de 2007 a 2017

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Ex	560,8	517,5	392,2	490,7	498,3	461,6	435,3	399,5	333,0	304,7	316,7
Im	788,1	940,3	851,5	1,1	1,5	1,8	1,9	2,1	1,8	1,1	1,2
Saldo	-227	-422	-459	-683	-1,0	-1,3	-1,5	-1,7	-1,4	-877	-971

Obs: (*) Os dados de exportação são em milhões US\$ FOB e as importações em bilhões US\$ FOB nos anos de 2010 a 2017.

Obs2: Ex: Exportações; Im: Importações.

Fonte: Elaboração própria, dados do BRASIL/MDIC/SECEX/ALICEWEB (2018).

A variação percentual de 2016 e 2017 foi de 3,8%, calculada a partir das informações da Tabela 7. Isso mostra que São Paulo, apesar de ser um Estado importante no agregado, nos últimos anos apresentou reduzido aumento participativo no comércio exterior e consequentemente uma contribuição menor nas exportações brasileiras. A importação para o mesmo período variou em 8,95% e a variação do saldo foi de 10,90%, como apontado pelo Sindicato - Sinditextil-SP (2016/2017).

Os estados apresentaram oscilações mais acentuadas nas exportações, a Tabela 8 mostram a variação das exportações de têxtil e de confecções do Ceará que registrou queda de 25,1% em relação a 2016. Nesta tabela se destaca o Rio de Janeiro e o Paraná, ambos com variações positivas de 17% com o aumento de suas exportações como se pode verificar abaixo.

Tabela 8– Variação das Exportações Têxtil e de Confecções por Estados – 2016-2017

Estados	2016 (FOB – US\$)	2017 (FOB – US\$)	Var % 2017/2016
São Paulo	304.718.733	316.785.319	3,8%
Rio de Janeiro	40.348.836	48.666.941	17%
Paraná	94.954.971	114.751.713	17,2%
Bahia	347.836.091	393.950.589	11,7%
Santa Catarina	174.147.973	198.501.558	12,2%
Pernambuco	4.255.426	1.165.666	-265%
Ceará	52.244.158	41.733.309	-25,1%

Fonte: Elaboração própria, dados do BRASIL/MDIC/SECEX/ALICEWEB (2018).

O Estado de São Paulo apresentou a menor variação (3,8%), seguida de Bahia (11,7%) e Santa Catarina (12,2%). Já Pernambuco apresentou a maior variação negativa em suas exportações com -265%, pois suas exportações reduziram mais da metade do que foi apresentado em 2016. Um problema que se apresenta no Estado de Pernambuco é a importação de produtos têxteis e confeccionados chineses, segundo Silva (2017), 32% dos empresários do polo de confecção do Agreste admitem importar produtos confeccionados da China justificando o baixo custo como fator relevante e positivo para a transação e a elevada carga tributária brasileira para o setor, o que ameaça as exportações pernambucanas já que a produção deixa de ser no Estado e o mesmo passa a ser apenas um vendedor do produto chinês.

4. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, coletou-se dados do setor exportador, na Secretaria de Comércio Exterior (SECEX) do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), pelo Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (ALICEWEB), onde foi possível identificar o comportamento das exportações através da análise exploratória dos dados nos estados selecionados: Bahia, Ceará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo, no período compreendido entre 2000 a 2017. Esses dados também foram utilizados para a análise dos indicadores de competitividade, de onde se pode inferir sobre as primeiras contribuições dos estados para o Brasil no setor considerado.

Utilizou-se a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM)⁴, do Capítulo 50 ao Capítulo 63, que corresponde a Seção XI – Materiais Têxteis e suas Obras para o Brasil e Estados, ou seja, têxteis e confecções.

Em um primeiro momento foi realizado os cálculos do Índice de Participação das Exportações Estaduais nas Exportações Totais do Brasil (PEB) e o Índice de Concentração das Exportações por Setor (ICS) no período compreendido entre 2007 a 2017, indicadores baseados na análise proposta por Viana (2006). Posteriormente mensurou-se os indicadores de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) e Contribuição ao Saldo Comercial (CS), tal como apresentados por Xavier (2001).

No Quadro 1, tem-se um resumo dos índices analisados.

⁴Código de oito dígitos estabelecido pelo governo brasileiro para identificar a natureza das mercadorias e promover o desenvolvimento do comércio internacional, além de facilitar a coleta e análise das estatísticas do comércio exterior adotado em 1995.

Quadro 1 - Resumo dos Indicadores Utilizados

Índice⁵	Descrição
<i>PEB</i>	Índice de Participação das Exportações Estaduais nas Exportações Totais do Brasil.
<i>ICS</i>	Índice de Concentração das Exportações por Setor.
<i>VCR</i>	Índice de Vantagem Comparativa Revelada.
<i>CS</i>	Índice de Contribuição ao Saldo Comercial.

O Índice de participação das exportações estaduais totais nas exportações totais do Brasil (*PEB*) é dado pelo seguinte cálculo:

$$PEB = (X_j / X_{BR}) \quad (1)$$

Em que:

X_j são as exportações de têxtil e confecções do estado J ;

X_{BR} são as exportações totais do Brasil;

O Índice de Concentração das Exportações por Setor (*ICS*) é dado pela seguinte expressão:

$$ICS = \sqrt{\sum (X_{ij} / X_j)^2} \quad (2)$$

Em que:

X_{ij} representa as exportações do setor i pelo Estado j ;

X_j representa as exportações totais do Estado.

Quanto mais próximo de 1, mais concentradas serão as exportações do estado em poucos produtos, e quanto mais próximo de zero, mais diversificada será a pauta de exportação do estado, logo o resultado desse índice varia entre 0 e 1 (Viana, 2006).

⁵ Neste estudo, índice e indicador são utilizados como sinônimos.

O Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) é calculado da seguinte forma:

$$VCR = (X_{ij} / X_i) / (X_j / X) \quad (3)$$

Em que,

X_{ij} representa as exportações do setor i pelo Estado j .

X_j representa as exportações do setor i do Brasil

X_i representa as exportações totais dos estados j

X são as exportações do Brasil

Medindo a intensidade de especialização do comércio internacional de um determinado país a uma região ou ao mundo, o índice de vantagem comparativa, proposto inicialmente por Balassa em 1965, segue uma distribuição com um limite inferior de zero e um limite superior variável. Trata-se de um indicador que considera somente as exportações de um país/região ao longo do tempo e utiliza o peso de um dado setor nas exportações mundiais para medir as vantagens comparativas para cada país/região. Assim, se o índice for menor que 1, a região não possuirá vantagem comparativa em relação ao produto i ; se o índice for superior a 1, a região possuirá vantagem comparativa na exportação desse produto i e se apresentar valor igual a 1, a região não possui nem vantagem nem desvantagem (OLIVEIRA, 2001).

O Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (CS) é dado pela seguinte equação:

$$CS = 1000 / PIB_i (S_1 - S_2) \quad (4)$$

Sendo:

$$S_1 = 100 \times (X_j - M_j) / [(X_i + M_i) / 2] \quad (5)$$

$$S_2 = 100 \times (X_i - M_i) / [(X_i + M_i) / 2] \times [X_K + M_K] \quad (6)$$

em que,

X_j e M_j representam, respectivamente, as exportações e importações do setor i efetuadas pelo estado j .

X_K e M_K representam as exportações e importações do Brasil.

Xavier (2001) apresenta a Contribuição ao Saldo (CS) como outro indicador de vantagens comparativas baseado em saldos comerciais e não somente em exportações. Nesse caso, se a CS for maior que zero em determinado setor, o país auferir vantagens comparativas, caso contrário não.

Em um segundo momento, foi realizado um exercício econométrico com as variáveis exportações (variável explicada) e os indicadores VCR e CS (variáveis explicativas). A análise utilizada nessa segunda parte da pesquisa utilizou dados em painel, onde foram verificados os métodos *Pooled*, Efeitos Fixos e Efeitos Variáveis.

Além disso, foram especificados testes sobre as variáveis para assegurar a robustez do modelo. Apoiado no modelo de Xavier (2001), foi construído um modelo empírico fundamentado na equação geral apresentada a seguir:

$$X_{jt} = \beta_0 + \beta_1 vcr_{jt} + \beta_2 cs_{jt} + \gamma_j + \varepsilon_{jt} \quad (7)$$

Nessa situação exposta, o X representa a exportação do país j no período t para cada estado; a VCR representa o índice, já apresentado, das vantagens comparativas dos estados selecionados; o CS representa o índice da contribuição ao saldo comercial; os β s representam os coeficientes da constante, γ corresponde ao componente temporal; e, ε refere-se aos choques aleatórios normais e independentes ao longo do tempo. Naturalmente, esta forma geral sofre algumas alterações a depender do modelo selecionado.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, apresentam-se resultados e discussões referentes aos indicadores analisados e ao exercício econométrico considerado.

5.1 - Participação das Exportações Estaduais nas Exportações Totais do Brasil (*PEB*)

Quando se analisa a caracterização das exportações dos estados selecionados, pode-se verificar na Tabela 10 as disparidades existentes entre os estados quanto as contribuições nas exportações totais do País. A partir do resultado calculado pelo índice participação das exportações estaduais do setor sobre as exportações totais (*PEB*), ressalte-se que no período considerado os Estados do Ceará e Pernambuco foram os que menos tiveram participações nas exportações totais.

Somando-se a participação dos sete estados selecionados temos uma alta na participação em 2016. Porém, em 2017 volta a reduzir essa participação o que pode ser explicado pela Europa, com os mercados em recessão, reduziram as compras, afetando o Brasil e a Argentina que reduziu em 42% as compras no Brasil nos últimos quatro anos em função de vários embargos que os argentinos estão criando para os exportares brasileiros (ABIT, 2016).

O Rio de Janeiro, como mostra a tabela 10, teve uma participação ativa na contribuição até 2012, voltando a cair em 2017 apresentando uma participação menor que em 2007. O Estado de São Paulo, apresentou uma participação decrescente ao longo do período, como esse estado é um dos principais exportadores do Brasil, a recessão na Europa e a redução das compras pela Argentina afetaram em maior proporção São Paulo.

Tabela 10 – Participação das Exportações Estaduais nas Exportações Totais do Brasil (PEB) 2010 a 2017

Estados	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Bahia	0.043	0.043	0.046	0.041	0.041	0.041	0.036	0.035
Ceará	0.006	0.005	0.005	0.005	0.006	0.006	0.005	0.009
Paraná	0.070	0.067	0.073	0.075	0.072	0.077	0.081	0.082
Pernambuco	0.005	0.004	0.005	0.008	0.004	0.005	0.007	0.008
São Paulo	0.258	0.233	0.244	0.232	0.228	0.229	0.242	0.225
Santa Catarina	0.037	0.035	0.036	0.035	0.039	0.039	0.040	0.039
Rio de Janeiro	0.099	0.115	0.118	0.087	0.100	0.085	0.090	0.097
Total	0.518	0.502	0.527	0.483	0.49	0.482	0.501	0.495

Fonte: Elaboração própria, dados do BRASIL/MDIC/SECEX/ALICEWEB (2018).

Outro ponto que se destaca na Tabela 10 é a concentração das exportações em poucos estados. Em 2010, São Paulo e Rio de Janeiro concentravam as maiores participações, apesar de São Paulo perder participação a cada ano. Já em 2017, observa-se que os mesmos estados ainda concentram os maiores valores em participação nas exportações em todo o período analisado.

Pernambuco de 2010 a 2017 não figura entre os estados que tem altos volumes de participação nas exportações. Ele é um dos que menos exporta têxtil e confecção. O Ceará experimentou oscilações em sua participação o que fez com que em 2017 tivesse uma pequena alta em sua participação decorrente do setor de confecções segundo o IPECE (2015). O Paraná iniciou o período analisado bem, mantendo um crescimento e se destacando no ano de 2017.

São Paulo, o Estado com maior participação, apareceu em 2010 com a maior participação, sendo o Estado que mais exporta, no entanto, sua participação foi caindo até 0,22 valor apresentado no ano de 2017, sendo o estado que apresentou a maior queda, diferentemente de Santa Catarina que de 2010 a 2017 manteve sua participação acima do valor de 2010. Por fim, o Rio de Janeiro que apresentou uma melhora de 2010 a 2012, no

entanto não manteve o crescimento nos anos seguintes, apresentando um valor em 2017 reduzido se comparado a 2010.

A maioria dos estados perdeu participação nas exportações totais do país indicando que nesses dez anos analisados as exportações têm diminuído o que foi sentido nas balanças comerciais dos estados e principalmente do País. Contudo, segundo informações divulgados pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos – Apex (2017), o acordo Mercosul-Colômbia, assinado em 2017 reduzirá a zero as tarifas de exportação para a Colômbia de todos os itens da cadeia têxtil e de confecção e trará novas perspectivas para a relação comercial entre os dois países nos próximos anos, espera-se com esse acordo um novo panorama das exportações brasileiras do setor têxtil e confecções o que beneficiará os maiores estados produtores do país.

5.2 - Índice de Concentração das Exportações por Setor (ICS)

O índice de concentração das exportações por setor mostra o quão concentrado é a pauta de exportação dos estados. Valores mais próximo da unidade (1) revelam exportações mais concentradas; enquanto mais próximo de zero (0), mostram exportações mais diversificadas. Na análise do indicador anterior, a participação das exportações estaduais nas exportações totais do Brasil de 2010 a 2017, observou-se que a exportação do têxtil e confecções se concentra nos grandes estados do Brasil.

Com o cálculo do índice de concentração das exportações por setor (ICS), Tabela 11, verifica-se que o Estado do Ceará apresenta em 2010 um ICS alto (0,062), comparado aos demais estados, indicando que sua pauta de exportações está concentrada em poucos setores, o que sinaliza a baixa participação no cálculo do PEB analisado anteriormente. No entanto, ao longo do período analisado, sua pauta de exportação torna-se mais diversificada chegando a apresentar em 2017 o valor de 0,02, sendo o Estado com mais desconcentração, se comparado com os demais.

Tabela 11 – Índice de Concentração das Exportações por Setor 2010 a 2017

Estados	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Bahia	0,044	0,070	0,073	0,040	0,060	0,061	0,051	0,050
Ceará	0,062	0,070	0,064	0,044	0,027	0,048	0,040	0,020
Paraná	0,011	0,009	0,009	0,009	0,008	0,007	0,006	0,006
Pernambuco	0,017	0,015	0,015	0,003	0,007	0,009	0,003	0,00
São Paulo	0,009	0,008	0,008	0,008	0,008	0,007	0,006	0,006
Santa Catarina	0,025	0,019	0,019	0,020	0,019	0,020	0,022	0,023
Rio de Janeiro	0,002	0,002	0,001	0,002	0,002	0,002	0,002	0,002

Fonte: Elaboração própria, dados do BRASIL/MDIC/SECEX/ALICEWEB (2018).

A Bahia apresentou uma pauta de exportações concentrada, pois em 2010 apresentava um *ICS* de 0,044, mas em 2017 chegou a 0,050. Os demais estados seguiram uma baixa no índice *ICS*, e uma maior diversificação de suas exportações, com destaque para o Rio de Janeiro que no ano de 2012 a 2017 chegou ao valor mais baixo na análise. Isso corrobora com o progresso que teve na *PEB* no mesmo período. Segundo dados da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI, 2008) o acirramento da concorrência internacional, principalmente a partir do fim do Acordo de Têxtil e Vestuário em 2005, obrigou os Países a sofrerem uma intensa reestruturação na forma de organização da produção.

Os estados apresentaram uma queda significativa no Índice de Concentração das Exportações por Setor, o que é um sinal positivo, com exceção da Bahia que seguiu o caminho contrário. No entanto, isso mostra uma diversificação maior com a redução desse indicador nos estados, com alguns apresentando uma pequena redução e outros uma grande desconcentração da pauta exportadora, o que sinaliza uma situação favorável para o mercado.

5.3 – Índice de Vantagem Comparativa Revelada

O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) permite identificar a importância de determinado produto na pauta exportadora nacional em relação às exportações mundiais. Se o índice for menor que um (1) a região não tem VCR em relação ao produto analisado, se superior, a região possui a vantagem. O resultado obtido na tabela abaixo mostra a competitividade dos estados através das VCR no mercado internacional.

De acordo com a Tabela 12, verifica-se que a VCR é maior do que a unidade nos Estados da Bahia, Ceará e Santa Catarina em todos os anos analisados, indicando que estes estados possuem vantagens na produção, que se refletem na comercialização de confecção. Por outro lado, os Estados de Paraná; São Paulo e Rio de Janeiro apresentam uma VCR abaixo da Unidade. Naturalmente esses estados podem ter outras vantagens que se refletem na comercialização que não sejam a de produção, tais como vantagens de preços devidos a outros fatores, por exemplo, mas que aqui não foram investigados.

Tabela 12 – Índice de Vantagem Comparativa Revelada 2004 a 2014 (VCR)

Estados	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Bahia	1,76	1,83	2,20	2,47	2,75	3,52	3,88	5,97	5,23	4,11	5,30
Ceará	7,78	8,55	9,09	8,46	7,42	5,11	5,55	5,95	4,55	4,54	2,39
Paraná	0,44	0,51	0,84	0,69	0,84	0,86	0,95	0,79	0,65	0,89	0,75
Pernambuco	2,70	2,54	3,15	1,91	2,11	1,27	1,56	1,24	1,06	0,32	0,62
São Paulo	0,80	0,77	0,76	0,74	0,73	0,75	0,84	0,71	0,56	0,79	0,69
Santa Catarina	3,37	3,36	3,52	2,89	2,57	2,21	2,24	1,66	1,39	2,05	1,68
Rio de Janeiro	0,35	0,33	0,26	0,25	0,20	0,21	0,19	0,14	0,10	0,23	0,14

Fonte: Elaboração própria, dados do BRASIL/MDIC/SECEX/ALICEWEB (2018).

Pela análise dos dados, pode-se afirmar que a Bahia, ao longo dos anos considerados, aumentou sua VCR, indicando que as exportações deste estado têm uma vantagem no

mercado internacional. Ao contrário dos demais, principalmente do Estado do Ceará que apresentava os maiores índices de VCR em 2004, no entanto, chegou em 2014 com um recuo nesse índice.

5.3 – Índice de Contribuição ao Saldo (CS)

O período de análise do comportamento do comércio exterior do Índice de Contribuição ao Saldo limita-se aos anos de 2000 a 2014 dos Estados da Bahia; Ceará; Paraná; Pernambuco; Rio de Janeiro; São Paulo e Santa Catarina, pois o índice calculado necessita dos valores do PIB em sua composição, e pela indisponibilidade desse dado a partir do ano de 2015, não foi possível o cálculo para 2015 a 2017.

Em 1990, Lafay *apud* Xavier (2001), desenvolveu o índice de contribuição ao saldo comercial (CS), que diferentemente dos demais índices de vantagens comparativa revelada, leva em consideração as importações. De forma que um país apresentará vantagens comparativa quando o indicador for positivo e apresentará desvantagens quando o indicador apresentar um saldo negativo. Assim, se um produto apresentar um saldo positivo, o produto em questão apresentará uma CS maior, registrando a existência de vantagem comparativa por parte do produto analisado.

Analizando a tabela 13 a contribuição ao saldo comercial do setor de confecções do Brasil ainda apresenta números muito pequeno, como mostra uma pesquisa realizada por Silva *et al.*, (2017). Ele conclui que o setor de confecção no Brasil não apresenta uma vantagem comparativa no mercado internacional apresentando uma tendência não definida e baixa, são de fato outros setores que possuem uma CS satisfatória, como é o caso de alimentos, fumo e bebidas.

**Tabela 13 – Índice de Contribuição ao Saldo do Segmento Têxtil e Confecções
2004 a 2014**

Ano	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
CS	-0,09	0,08	-0,07	-0,5	-0,2	-0,3	-0,1	-0,2	-0,1	-0,02	0,04

Fonte: Elaboração própria, dados do BRASIL/MDIC/SECEX/ALICEWEB (2017).

O que se extrai da Tabela 13 para o setor de têxtil e confecções do Brasil é que no decorrer da década analisada esse setor vem perdendo vantagens do mercado internacional, o que sinaliza a baixa contribuição ao saldo em 2013/2014. Costa e Rocha (2009) afirmaram que com a expansão de produtos chineses no mercado internacional, o mercado exportador brasileiro iria perder espaço mesmo com o aumento do consumo global. Nessa perspectiva, o que deve ser feito é investimento em tecnologias e inovação, por parte das empresas, como meio de sobreviver a concorrência internacional e aumentar sua vantagem comparativa como afirma os autores.

5.4 Análise econométrica com dados em painel

Nesta seção são apresentados os resultados e discussões do exercício econométrico, que consiste em uma análise com dados em painel balanceado, para averiguar o comportamento das exportações do setor têxtil e de confecções frente às suas variáveis explicativas VCR e a CS.

5.4.1 Estatísticas descritivas

As estatísticas descritivas das variáveis utilizadas nos modelos de regressão propostos são apresentadas na Tabela 14.

Tabela 14 – Estatística Descritiva das Variáveis Analisadas: 2000-2014

Variável	Obs.	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
<i>lnX</i>	105	18.54882	1.095377	15.65016	20.52767
VCR	105	2.420466	2.415351	.10495	9.10215
CS	105	2.29e-09	1.34e-07	-1.15e-06	3.80e-07

A média das exportações estaduais no período de 2000 a 2014 foi de 18,54 dentro de uma classificação que varia de 15,65 a 20,52, contribuindo com o valor mínimo de 15,65 atribuído as exportações do Paraná e o valor máximo atribuído as exportações do estado da Bahia.

O índice de vantagem Comparativa revelada (*VCR*) apresentou uma média de 2,42 mostrando o valor mínimo de 0,10 e o máximo de 9,10 dos estados Pernambuco em 2012 e Bahia em 2001, respectivamente.

Com relação a Contribuição ao saldo (*CS*), a média de contribuição foi reduzida, sendo o mínimo no estado da Bahia no ano de 2014 e o máximo no estado do Ceará no ano de 2001.

A correlação dos dados das duas variáveis em análise ocorre positivamente entre a *VCR* e as exportações estaduais (*lnX*) mostrando que 15,32% das oscilações *VCR* são sucedidas de oscilações do *LnX*, conforme Tabela 15.

Tabela 15 - Matriz de Correlação dos Dados

	<i>lnX</i>	<i>VCR</i>	<i>CS</i>
<i>lnX</i>	1		
<i>VCR</i>	0,1532	1	
<i>CS</i>	-0,1900	0,0963	1

Segundo Gujarati (2011), não existe um método único para detectar a multicolineariedade, o que se tem são regras praticas, como é o caso das altas correlações entre pares de repressores. Nesta regra, deve-se observar se os coeficientes de correlação que estão abaixo de 0,8, pois um valor acima desse valor indica alto grau de correlação entre as variáveis. E quando essa alta correlação se dá entre as variáveis explicativas, tem-se problemas de viés entre as variáveis.

Realizado o teste de inflação da variancia (*VIF*) apresentado na Tabela 16, outra forma de verificar a presença de multicolineariedade, onde ($1/VIF$) quanto mais proximo de 1 menor o grau de multicolinearidade, detectou-se baixa multicolinearidade, pois os valores do $1/VIF$ estão proximo de 1, de forma que se o problema existe entre as variáveis explicativas, não será em grau tão elevado que interfira no resultado do modelo.

Tabela 16 – Resultado do Fator de Inflação da Variância (VIF)

Variável	VIF	1/VIF
Cs	1,01	0,990726
Vcr	1,01	0,990726
Média	1,01	

De início, o modelo apresentou heterocedasticidade, como confirmado no teste de Wald, mas o problema foi corrigido através da estimação por erros robustos. Foram estimados os modelos *Pooled*, Efeitos fixos e Efeitos aleatórios para a análise dos dados em questão.

O coeficiente de determinação geral (R^2) do modelo *Pooled* mostrou-se no nível de 6,58%, já os dados do modelo de efeitos fixos e aleatórios se mostraram baixo ao nível de 2,92% e 2,95%, respectivamente. Com dados de painel, baixos coeficientes de determinação são comuns. No modelo *Pooled*, os resultados das estimação mostraram que as variáveis explicativas Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) e as Contribuições ao saldo (CS) foram significantes a 10% e 5% respectivamente.

No modelo de Efeitos Fixos, a variável de vantagens comparativas reveladas foi significativa a 1%, enquanto que a contribuição ao saldo foi significativa apenas a 10%. Já no modelo de Efeitos Aleatórios, a vantagem comparativa foi significativa a 1% e a contribuição ao saldo apresentou significância também apenas a 10%.

A variável de vantagens comparativas reveladas, descrita na Tabela 17, apresentou um coeficiente com sinal positivo no modelo de Efeitos fixos, corroborando com a hipótese defendida por Coutinho (2002), de que têxtil e confecções seria um segmento em que o Brasil possuiria algumas vantagens comparativas, o que lhes daria um excelente posicionamento competitivo, na presença de investimento para um cenário de integração. Para corroborar com os resultados deste teste e com a hipótese de Coutinho, a apresentação dos indicadores de vantagens comparativas na seção anterior, pode explicar este resultado, pelo menos para parte dos estados selecionados.

Tabela 17 – Resultado das Estimações dos Modelos de Dados em Paineis

X	<i>Pooled (MQO)</i>	Efeito Fixo	Efeito Aleatório
	Coeficientes		
<i>Cons</i>	18,3627*** (123,83)	17,8813*** (246,73)	17,89232*** (40,48)
<i>Vcr</i>	0,0784952*** (1,80)	0,27662* (10,21)	0,2716618* (10,09)
<i>Cs</i>	-1694616** (-2,15)	-447239,3*** (-1,82)	-458789,1*** (-1,86)
R^2	0,0658	0,0292	0,0295

Nota: 1) entre parênteses encontram-se as estatísticas t e z (no caso dos efeitos aleatórios); 2) Níveis de significância: *: 1%; **: 5%; ***: 10%.

O coeficiente da contribuição ao saldo apresentou sinal negativo com significância de 10%, o que mostra que as exportações são muito pouco explicadas por este indicador. E, corroborando com dados apresentados na seção anterior, o saldo explica muito mais as importações.

Para determinar qual modelo seria o melhor para explicar as variáveis estudadas, realizou-se o teste Chow para validar a escolha entre o modelo Pooled e o Modelo de Efeitos Fixos. Woldridge (2010) afirma que se deve observar os seguintes parâmetros do teste Chow: hipótese nula: Modelo *Pooled* hipótese alternativa: Modelo de Efeitos Fixos. O resultado atribuiu à rejeição da hipótese nula, ou seja, pelo teste Chow verificou-se que como a estatística F é significativa, o Modelo de Efeitos Fixos apresenta resultados mais confiáveis que o modelo de *Pooled*, considerando apenas essas duas opções.

Para maior eficiência dos resultados encontrados, foi realizado o teste de Breusch-Pagan, onde o mesmo testa a ausência ou presença de efeitos não observados. Realizado após a estimação do Modelo de Efeitos Aleatórios, sendo significativo, o que indicou a rejeição da hipótese nula. Logo, pelo resultado Breusch-Pagan, rejeita-se o Modelo de Efeitos Aleatórios e prossegue-se com o Modelo *Pooled*.

Mas o teste definitivo é o de Hausman, e os outros poderiam, inclusive, terem sido dispensados em favor deste, uma vez que já há certo consenso na literatura sobre a superioridade destes métodos sobre o *Pooled*. Contudo, considerando os testes anteriores que contradizem este fato, optou-se por apresentá-los todos nesta pesquisa. Entre o Modelo de Efeitos Aleatórios e o Modelo de Efeitos Fixos, considerando que o teste apresentou rejeição à hipótese nula, ou seja, a melhor seleção seria a do Modelo de Efeitos Aleatórios para a presente análise. Dessa forma, este modelo seria o mais consistente na análise dos dados de exportações dos estados quando analisado na ótica das exportações do País, pelo menos quando se comparado ao de Efeitos Fixos.

Entretanto, como se pode observar na Tabela 18, o teste de Housmam apresentou um valor negativo, contudo Montero em 2005 *apud* Stata Reference Manual (2005), cita que: *En ocasiones, cuando en la muestra hay pocos individuos (menos de 50 o 60) el resultado se la prueba, es decir el valor de la Chi2, puede arrojar un número negativo (lo cual es imposible) pero que a los efectos de la prueba se debe interpretar como una fuerte evidencia de que no puede rechazarse la hipótesis nula*. Isto é, com resultado negativo, então o Modelo de Efeitos Fixos que seria o melhor, segundo este autor.

Na verdade, os conflitos observados nos testes realizados devem-se a pequena amostra utilizada. Com um recorte temporal de apenas dez anos, nem foi possível analisar-se as variáveis *dummies* de tempo, que poderiam ser úteis para verificar o impacto das crises econômicas internacionais sobre o comércio externo. Muito provavelmente por isto o *Pooled* mostrou-se superior aos demais neste estudo e o Teste de Hausman apresentou sinal negativo. De todo modo, as diferenças entre os modelos foram pequenas e levaram ao mesmo resultado: a importância da variável vantagens comparativas reveladas sobre as exportações e a pouca relevância da variável contribuição ao saldo comercial (um tipo de variável comparativa mais rebuscada, formada a partir de outras variáveis como importação e PIB) sobre a mesma. Ou seja, o exercício econométrico respondeu ao questionamento que se desejava.

Tabela 18 – Resultado dos Testes de Hipóteses nos Modelos de Dados em Paineis

Teste de Heterocedasticidade (Wald) χ^2 (7)	380,23*
Teste Chow	177,61*
Teste LM (Breusch-Pagan)	108,04*
Teste de Hausman: χ^2 (1)	-0.34*
Nota: *nível de significância da estatística F a 1%.	
Fonte: Elaboração própria, com base no programa Stata (2018).	

Todos os resultados foram apresentados, mesmo quando contraditórios, para demonstrar a importância dos testes de hipótese e assegurar a validade dos modelos discutidos. Contudo, ainda que seja importante o rigor estatístico, as limitações de dados que o pesquisador muitas vezes enfrenta, pode colocar em xeque esses testes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o comportamento das exportações, os resultados alcançados indicam que os Estados vêm ao longo do tempo reduzindo suas participações no mercado mundial, pois eles não conseguem manter uma linearidade de crescimento nas exportações. Já as Importações ao longo do tempo mostram-se em crescimento o que prejudica ano após ano.

As exportações do Ceará estiveram concentradas no período de 2010 a 2017. Os demais estados apresentaram um valor muito próximo a zero, o que indica bons sinais para o mercado internacional, pois ao longo do período analisado a pauta exportadora aumentou com a diversificação de produtos têxteis e confeccionados para a exportação.

No índice de vantagem comparativa para os anos de 2004 a 2014, em todo o período analisado, Bahia, Santa Catarina e Ceará apresentaram um valor acima da unidade, o que indica que entre os estados analisados são os que possuem maior vantagem comparativa. Os índices de contribuição ao saldo apresentam números muito próximos de zero, o que indica que para os estados selecionados, o setor de têxtil e de confecções ainda apresenta uma contribuição bastante reduzida no comércio internacional.

Se as exportações são uma importante estratégia para o crescimento e desenvolvimento das economias, como demonstrado pela literatura analisada, e têm apresentado declínio nos principais estados produtores do setor têxtil e de confecções, faz-se necessário o estabelecimento de políticas que promovam maior mobilização para o desenvolvimento da cultura exportadora, especialmente em regiões em que o setor aparece mais estagnado, de forma a permitir maior inserção competitiva no setor e consequente destrave das exportações, inclusive com produtos de maior valor agregado do que outros produtos que historicamente constituíram-se a maior parcela da pauta de exportações brasileiras.

Através deste estudo, pode-se perceber que os Estados em análise apresentaram um grande volume em exportação, mas apresentam maior ainda, um grande volume em importações, o que tem gerado saldos negativos na balança comercial dos mesmos. As crises na Europa provocaram demandas recessivas nas exportações de todos os setores do Brasil, a falta de uma maior relação de comércio com os países vizinhos, como é o caso da Argentina

que diminuiu as compras dos produtos brasileiros são algumas das causas das baixas nas exportações dos estados o que consequentemente afeta a cadeia produtora do têxtil e de confecção e consequentemente a balança comercial dos estados.

REFERÊNCIAS

Agência Brasileira de Investimento Industrial – ABDI. Relatório de Acompanhamento Setorial: Têxtil e Confecção. Volume I. Junho de 2008. Disponível em: <http://www.abdi.com.br/Estudo/textil%20e%20confeccao%20junho%202008.pdf>. Acesso em: 19/08/2017.

Agência Brasileira de Promoção de Exportação e Investimento – APEX. ACORDO MERCOSUL-COLÔMBIA PROMETE INTENSIFICAR EXPORTAÇÕES. 2017. Acesso em 05/12/2017. Disponível em: <http://www.apexbrasil.com.br/Noticia/ACORDO-MERCOSUL-COLOMBIA-PROMETE-INTENSIFICAR-EXPORTACOES>.

AHMAD, H. W. VANTAGENS E DESVANTAGENS DA IMPORTAÇÃO DE TEXTIL E VESTUÁRIO DA CHINA PARA O BRASIL. 2013. Disponível em: https://www.riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/1723/109237_Haifa.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 12/11/2017.

ALVES, G; FABRI, J. R; KUBO, J. A. Desenvolvimento da indústria de moda em Cianorte, Estado do Paraná. Akropolis Umuarama, v. 17, n. 3, p. 159-165, jul/set. 2009.

ANDRADE, Maria Elza de. ESTUDO SOBRE AS EXPORTAÇÕES DOS ESTADOS DO NORDESTE. 2015. Disponível em: <http://www.ppge.ie.ufu.br/sites/ppge.ie.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/Tese%20de%20doutorado%20-%20Maria%20Elza%20de%20Andrade.pdf>.

ARAÚJO, C. A. L.; PEREIRA, C. F. A indústria de confecções em Pernambuco: impactos e oportunidades em um cenário pós-ATC (Acordo sobre Têxteis e Confecções). 2006. Disponível em: http://www.simpep.feb.unesp.br/anais/anais_13/artigos/233.pdf. Acesso em: 19/09/2017.

Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT) O Poder da Moda Cenários • Desafios • Perspectivas Agenda de Competitividade da Indústria Têxtil e de Confecção Brasileira 2015 a 2018. 2015. Disponível em: http://abit.org.br/conteudo/links/Poder_moda-cartilhabx.pdf. Acesso em: 12/12/2017.

Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção ABIT -
Setor Têxtil e de Confecção - Momento Atual e Agenda de Trabalho. 2017.
Fernando Pimentel – Diretor Superintendente Circuito Abit / Tex Brasil Belém.

BANCO DO NORDESTE. Caderno Setorial, Ano 2, Nº 16. O Setor Têxtil. Setembro de 2017. Disponível em: www.bnb.gov.br/documents. Acesso em: 12/03/2018. 2017. Acesso em: 10/12/2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS (MDIC) /SECRETÁRIA DE COMÉRCIO EXTERIOR (SECEX) /SISTEMA ALICEWEB. Dados disponível em www.aliceweb.mdic.gov.br. Último acesso em 12/12/2017.

CALLIL, Vitor. *Cadeia Produtiva e Mercado: Um Estudo Sobre a Produção e a venda de Moda Varejista na Cidade de São Paulo*. 2014. 160f. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2014.

CAMPOS, A.C. Arranjos Produtivos no Estado do Paraná: o caso do município de Cianorte. 218 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

CARREIRA, S. S. Análise Dos Fatores De Sucesso Das Empresas No Ramo De Confecções Na Região Noroeste Do Paraná - “Corredor Da Moda” Período 1990 A 2000. 2001. Dissertação De Mestrado. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/80206>. Acesso em: 26/11/2017.

CARVALHO, M. M.; SERRA, N. ESTRATÉGIAS COMPETITIVAS DA CADEIA TÊXTIL E VESTUÁRIO PAULISTA. Disponível em: http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP1998_ART161.pdf. 1998.

Centro Internacional de Negócios do Estado da Bahia - CIN-Bahia - SERVIÇO DE APOIO AO INVESTIDOR ESTUDO SETORIAL – TÊXTIL NA BAHIA - ESTUDO SETORIAL BA, 2016.

COSTA, Ana Cristina Rodrigues da. ROCHA, Érico Rial Pinto da. Panorama da cadeia produtiva têxtil e de confecções e a questão da inovação, O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. 2009. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/1964>. Acesso em: 06/10/2017.

COSTA, Ana Carolina Ribeiro. *Burocracia e comércio exterior: os desafios à exportação sob a ótica das micro e pequenas empresas exportadoras do Rio Grande do Norte*. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Políticas e Gestão Públicas; Gestão Organizacional) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

COUTINHO, L.; LAPLANE, M.; KUPFER, D.; FARINA, E. Estudo da Competitividade de Cadeias Integradas no Brasil: Impactos das Zonas de Livre Comércio. *Revista de Economia Política*, vol. 24, nº 1 (93), janeiro-março/2004. Disponível em: http://www.rep.org.br/all_issue.asp.2002. Acesso em: 12/04/2017.

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI. Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Novembro 2016. Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/biblioteca>.

FIESC, Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. 2016. Disponível em: http://fiesc.com.br/sites/default/files/medias/25_set_sc_dados_2014_em_baixa_para_site.pdf. Acesso em: 23/10/2017.

Federação das Indústrias de Santa Catarina FIESC. Santa Catarina Têxtil. Indústria Têxtil de Santa Catarina, Perspectivas e Desafios para o Crescimento. Disponível em: http://www.sintex.org.br/arquivos/249_ap_sintex-2015_final.pdf. Acesso em: 23/10/2017. 2015.

Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco FIEPE. Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento/download/4192fd4c-0869-4076-9d0d-3f1cd792733e>. Acesso em 19/03/2017. 2014.

Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro – FIRJAN. DIAGNÓSTICO DO COMÉRCIO EXTERIOR DO ESTADO DO RIO 2015. Disponível em: <http://www.firjan.com.br/publicacoes/publicacoes-de-economia/diagnostico-do-comercio-exterior-do-estado-do-rio-de-janeiro.htm>. Acesso em: 02/05/2017.

Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro – FIRJAN. DIAGNÓSTICO DO COMÉRCIO EXTERIOR DO ESTADO DO RIO 2016. Disponível em: <http://www.firjan.com.br/publicacoes.2016>. Acesso em: 02/05/2017.

FIEC Fortaleza - Ceará 2002. O Fiar e o Tecer 120 Anos da Indústria Têxtil no Ceará. 2002. Disponível em:

<http://www.sinditextilce.org.br/pdf/publicacoes/livros/Livro%20O%20Fiar%20e%20o%20Tecer.pdf>. Acesso em: 27 de março de 2017.

FROYEN, R. T. Macroeconomia. Teorias e Aplicações. Editora Saraiva. Modelo Keynesiano macroeconômico, Cap. 3 - 8. 2012.

FUJITA, R. M. L.; JORENTE, M. J. A Indústria Têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural. 2015. Revista Moda Palavra e-Periódico vol.8, n.15, jan/jul. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/5893>. 2015.

GUEDES, Rainier Emanuel Freire de Freitas. Condicionantes da inovação em empresas do arranjo produtivo de confecções de Santa Cruz do Capibaribe-PE. 2016. 138 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Administração e Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

GUJARATI, D. N. **Econometria Básica**, Makron Books, 2011.

Inteligência de Mercado - IEMI. São Paulo Têxtil 2014 Relatório Setorial da Indústria Têxtil e Confecção no Estado de São Paulo. 2015. Disponível em: http://www.abit.org.br/conteudo/links/apresentacoes/app_estudo-setorial.pdf. Acesso em: 25/06/2017.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. PIB_BR_UNID_FED_TABELA 5938_ANUAL - <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5938>. Acesso em: 28/06/2017.

Instituto De Pesquisa E Estratégia Econômica Do Ceará (IPECE), 2014. GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Informe - nº 73- fevereiro de 2014. Disponível em: <http://www.ipece.ce.gov.br/index.php/ipece-informe>. Acesso em: 13 de julho de 2017.

Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES. Censo Industrial do arranjo Produtivo Local de Confecções de Bonés de Apucarana no Estado do Paraná. Curitiba: IPARDES, 2006. Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/apl_cianorte_nota_tecnica.pdf. 2006.

LINS, Andréa do Egito. Uma Aplicação da Teoria da Base Exportadora ao Caso Nordeste. 2008. Disponível em:

https://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/3779/arquivo2906_1.pdf?sequence=1. Acesso em: 26/11/2016.

LUCLKTENBERG, I. A. B. *A Indústria Têxtil Catarinense e o Caso da CIA. Hering*. 2004. 257f. Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente. 2004. Dissertação de mestrado. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/dis_teses/04/04_ISABELA_ALBERTINA_BARREIROS_LUCLKTENBERG.pdf.

MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata. DESENVOLVIMENTO REGIONAL: PRINCIPAIS TEORIAS. Revista *Thêma et Scientia* – Vol. 5, no 2, jul/dez 2015. Disponível em <HTTPS://www.fag.edu.br/upload/arquivo/1457726705.pdf>. 2015.

MILANÊS, Renata Bezerra. *Costurando Roupas e Roçados: As Linhas Que Tecem Trabalho e Gênero no Agreste Pernambucano*. 2015. 136f. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2015.

MONTERO. R 2005: Test de Hausman. Documentos de Trabajo en Economía Aplicada. Universidad de Granada. España. 2005. Acessado em 12/01/2018.

MOTA, M. D. B; BARBOSA, R. C. A. Comércio Popular De Moda - O Centro Faz A Moda, A Moda Faz O Centro Na Cidade De Fortaleza-Ce. 2015. ISSN: 2237-2454 <http://www.feevale.br/hotsites/enpmoda/edicao-atual>. Acesso em: 12 de março de 2017.

MOURA, T. G. Z; BARBOSA, L. A. L. A Evolução Do Comércio Exterior Baiano E Possíveis Compatibilidades Com As Realidades Nordestina E Baiana. Revista de Iniciação Científica em relações Internacionais. RICRI Vol. 1, No. 2, pp. 33-54. Disponíveis em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/ricri/issue/view/1383>. Acessado em 23/08/2017. 2014.

OLIVEIRA, M. P.; CÂMARA, M. R. G.; BAPTISTA, J. R. V. O setor têxtil-confecções do Paraná e seus segmentos regionais especializados: 2000-2004. Revista de Economia, v. 33, n. 1 (ano 31), p. 83-115, jan/jun. 2007. Editora UFPR. 2007.

OLIVEIRA, Marciele de Freitas; SCHLINDWEIN, Madalena Maria. Índice de Vantagens Comparativa Revelada Para o Complexo Soja da Região Centro-Oeste Brasileira. Revistas de Estudos Sociais, Ano 2015, N. 33, Vol. 17, Pag. 109. 2015.

PUGA, Fernando; FILHO, Ernani Teixeira Torre. Exportações Brasileiras um Cenário Pós-Crise Internacional. Livro Brasil Pós-Crise: Agenda Para a Próxima Década. 2009. Editora Elsevier Pag. 85. 2009.

RODRIGUES, Paulo César Torres. *Determinantes Da Estratégia E Do Canal De Distribuição Internacional E Seu Impacto Sobre A Performance De Exportação: Caso Das Pequenas E Médias Empresas Brasileiras Do Estado Do Ceará*. 2010. 362f. Universidade de Coimbra. Coimbra. 2010.

SANTOS, M. C. Do Global Ao Local: A Dinâmica Da Indústria De Confecção Na Região Metropolitana De Fortaleza-Ceará. XI encontro Nacional de ANPEGE. 2015. Disponível em www.enanpege.ggf.br/2015. Acesso em: 20 de março de 2017.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas SEBRAE. Serviço de Apoio às Micro e pequenas empresas Bahia. Estudo de mercado, Industria: Confecção. 2017. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/BA/Anexos/Ind%C3%BAstria%20de%20confec%C3%A7%C3%B5es%20na%20Bahia.pdf>. Acesso em: 09 de Novembro de 2017.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas SEBRAE. Estudo Econômico Do Arranjo Produtivo Local De Confecções Do Agreste Pernambucano. 2013. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Estudo%20Economico%20do%20APL%20de%20Confeccoes%20do%20Agreste%20%20%2007%20de%20MAIO%202013%20%20docx.pdf>. Acessado em: 25/03/2017.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas SEBRAE. SANTA CATARINA EM NÚMEROS -Têxtil e Confecção. 2010. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sc/quem_somos/santa-catarina-em_numeros,2fedd49dc3246410VgnVCM2000003c74010aRCRD.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas SEBRAE. Estudo Setorial Confecção de Vestuário e Acessórios de Santa Catarina. 2012. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae>. Acesso em: 29/03/2017.

Serviço De Apoio Às Micro E Pequenas Empresas Bahia - Sebrae/Ba, 2017. ESTUDO DE MERCADO INDÚSTRIA: CONFECÇÕES. 2016. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae>. Acesso em: 29/03/2017.

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. SENAI. O Setor De Confecções Brasileiro: Evolução Recente E Mudança Tecnológica. 2012. Disponível em: <http://tracegp.senai.br/bitstream/uniepro/106/1/O%20setor%20de%20confeccoes%20brasileiro.pdf>. Acesso em: 12/05/2017.

SILVA, Onassis Felipe da. Influência da China no Arranjo Produtivo Local do Polo de Confecções Agreste Pernambucano. 2017. Anais de Congresso. ISSN 2175-7623. Disponível em: www.admpg.com.br/2017/down.php?id=2626&q=1. Acessado em 10/03/2017.

SILVA, D. B. L. *O Impacto da Abertura Comercial sobre a Produtividade da Indústria Brasileira*. 2004. 42f. Dissertação de Mestrado. Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/319>. Acessado em 12/08/2017.

SILVA, Pedro Henrique da Costa. *Corrupção e Indicadores socioeconômicos nos países da América do Sul: Uma Analise Com Dados em Pannel*. 2017. 56f. Universidade Federal de Pernambuco. Caruaru. 2017.

SILVA, R. A.; CORONEL, D. A.; SILVA, M. L; VIEIRA, V. C. Padrão de especialização das exportações do Brasil (1999-2014). Disponível em: Revista Espacious, Vol. 38 (Nº 17) Año 2017. Pág. 34. 2017. Acesso em: 09/02/2017.

Sindicato das Indústrias de Fiação, Tecelagem e do Vestuário de Blumenau - SINTEX. Indústria Têxtil de Santa Catarina, Perspectivas e Desafios para o Crescimento. 2015. Disponível em: http://www.sintex.org.br/arquivos/249_ap_sintex-2015_final.pdf. Acesso em: 26/06/2017.

SINDITÊXTIL-SP. Estudo faz radiografia do setor têxtil paulista. 2016/2017. Disponível em: http://www.sinditextilsp.org.br/jornal/sindi_23.pdf. Acessado em: 15/11/2017.

SOUZA, L. L. C. 2. Decisão de Terceirização e as Práticas em Gestão do fator humano. Analise nas Grandes Industria Cearense de Confecção. 2005. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFC-7_50111e34e4dc87f1ecd445c2e843e887. Acessado em 12 de julho de 2017.

VIANA, Francisca Diana Ferreira. Inserção externa e competitividade da Região Nordeste no período pós-abertura comercial: uma análise a partir do Método Shift-and-Share e de indicadores de competitividade revelada. 2006. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

XAVIER, Clécio L. Padrões de Especialização e saldos Comerciais no Brasil 2001. Anais do XXIX Encontro Nacional de Economia. 2001. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2001/artigos/200103253.pdf>. Acesso em: 15/12/2016.

WOOLDRIDGE, J. M. **Introdução à Econometria: Uma Abordagem Moderna**. Tradução da 4ª Ed. Norte-Americana. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

APÊNDICE A – RESULTADOS DOS TESTES ECONOMÉTRICOS

Tabela A – Resultado do Teste de Wooldridge para Autocorrelação em Panel

D. ipc	Coeficientes	Erro padrão robusto	Estatística t	P-valor
D1. vcr	0,2531985	0,0649026	3,90	0,008
D1.cs	-153483,6	265594,6	-0,58	0,584
F (1, 6) = 32,593		Prob > F = 0,0012		

Tabela B – Resultado do teste de Hausman Para a Escolha Entre o Modelo de Efeitos Fixos e Efeitos Aleatórios

	Coeficientes			
	(b) Efeitos Fixos	(B) Efeitos Aleatórios	(b-B) Diferença	sqrt (diag (Var(b)-var(B)))
ins esc	0,2762041 -447239,3	0,2716618 -458789,1	0,0045423 11549,82	0,00269
Chi2 (1) = -0,34		Prob > Chi2 = 0,0000		